

editorial

NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO...

Ainda no âmbito das reações à decisão do Tribunal Judicial da Comarca dos Açores sobre o levantamento das quarentenas obrigatórias a um passageiro vindo do exterior da Região por ser inconstitucional, o que se apura é que os Açores, por via de S. Miguel e da Terceira, únicos aeroportos com ligações aéreas com o exterior, ficam mais vulneráveis à propagação da Covid-19. O Governo Regional, que nunca procurou o apoio da Assembleia ou a Assembleia nunca tomou a iniciativa de apoiar este tipo de medidas de controlo, tinha um Plano B, caso o primeiro fosse posto em causa, como veio a acontecer. Na apresentação das novas medidas, foi realçado que estas não seriam tão eficazes quanto as quarentenas obrigatórias, mas, se atentos ao pormenor, até se aproximam bastante ou até excedem em alguns aspetos. À chegada, os desembarcados ou são portadores de comprovativo de teste realizados nas 72 horas anteriores à viagem, ou fazem o teste à chegada, ou realizam quarentena voluntária seguida de teste, ou ainda, regressam à origem. Nas duas primeiras alternativas “têm de cumprir isolamento profilático” em casa ou em unidade hoteleira até ser conhecido resultado do teste a realizar ao

14º dia, podendo, se for o caso, abandonar a Região antes disso. Cumprir o isolamento profilático, conforme a letra da Resolução, difere da quarentena tal e qual estava a ser praticada, no controlo do seu cumprimento. Confinados num quarto de hotel e com polícia à porta será fácil. Em casa de cada um, ou em hotel exigirá uma logística de acompanhamento muito superior. Há, portanto, questões semânticas a que é preciso atender, não vão gerar, no futuro imediato, outras confusões e mal entendidos.

O caso da Terceira é singular: neste momento, é zona de contágio zero, no entanto, possui um aeroporto que, fruto, sobretudo, da Base das Lajes, tem significativo movimento de aviões e de pessoas. Ontem, por exemplo, no topo Norte da pista, estava estacionado um punhado de aviões e sabemos que circulavam na Base umas duas centenas de militares, com origem em Espanha e EUA. Isolamento por um canudo, a maioria deambulava sem máscaras, sem notícia de terem sido testados e inquietos para saltar a cerca. Mas mesmo que não o façam, contactam põem em perigo funcionários portugueses. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Navegar em segurança é preciso. ❏

EDUARDO BORBA DA SILVA [10]

Obrigado, agradecido

“Na nossa Ilha Terceira, o “obrigado, agradecido”... é uma fórmula simpática que enfatiza o reconhecimento pleno do favor concedido.”

TOMAZ PONCE DENTINHO [11]

Pelos subsídios suicidámo-nos

“O Sul de Itália e as ultraperiferias francesas morreram há muito. Nós estamos à beira. Pelos subsídios, suicidámo-nos.”

M. PATRÃO NEVES [14]

Uma vacina procura-se

“A realidade da criação de uma vacina está longe de se poder revestir da expectativa otimista com que tem sido... apresentada.”

GILBERTO VIEIRA, PRESIDENTE DA CASAS AÇORIANAS

Situação “sem paralelo” no turismo dos Açores

O presidente da Associação Casas Açorianas, Gilberto Vieira, considera que o turismo na Região atravessa uma “situação completamente atípica” e “sem paralelo”, desde que o setor existe de forma organizada.

NUMA ALTURA EM QUE O TURISMO É QUASE INEXISTENTE QUAL A SITUAÇÃO DO ALOJAMENTO RURAL NOS AÇORES?

A situação, ao nível de clientes, é um vazio, tanto no alojamento em espaço rural como noutras tipologias, porque, de facto, o movimento turístico é praticamente nulo nesta altura. E mesmo a curto prazo, o número de reservas é extremamente baixo e entre essas poucas continuam a surgir cancelamentos. É uma situação completamente atípica, sem paralelo desde que há turismo minimamente organizado nos Açores.

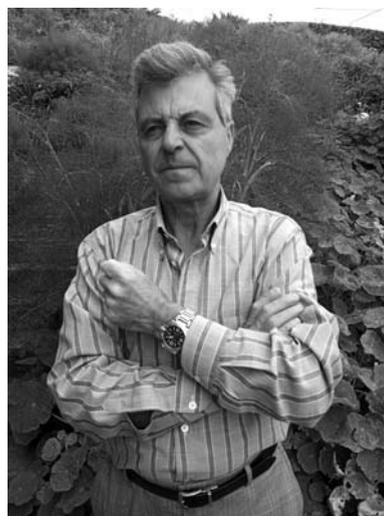
A pandemia da Covid-19, com tudo o que implica em termos da saúde pública, veio colocar, no que ao turismo nos Açores diz respeito, um dilema colossal: precisamos desesperadamente de turistas para alimentar a oferta que cresceu exponencialmente nos últimos anos, com tudo o que isso implica a nível da economia e do emprego e, paralelamente, temos que defender

a todo o custo a saúde dos residentes, procurando evitar novos focos de infeção pelo novo coronavírus, situação que deitaria por terra todo o consensualmente reconhecido trabalho que está a ser feito na Região. É um pouco como a história do cozeiro que dizia: “Não quero que ninguém morra, mas quero que o meu negócio corra”, o que é um paradoxo perfeito.

QUAIS AS PERSPETIVAS DA RETOMA DO TURISMO NOS AÇORES? CONSIDERA QUE O TURISMO RURAL TERÁ MAIOR FACILIDADE A ADAPTAR-SE, TENDO EM CONTA A PEQUENA DIMENSÃO DAS UNIDADES, O QUE PERMITE QUE NÃO EXISTA GRANDES CONCENTRAÇÕES DE PESSOAS?

No contexto do que acabei de dizer, entendo que a retoma vai ser lenta, com a tentativa, nos tempos mais próximos, de conciliar a saúde das nossas populações com o retorno à atividade possível, um processo que, acho eu, pode ter avanços e recuos, face às circunstâncias de cada momento. E, independentemente do reforço de promoção de um destino especial que já tinha visibilidade considerável, é preciso não esquecer que tudo indica que a retoma do turismo, à escala global, vai começar a nível interno de cada país, derivado a um melhor conhecimento da sua realidade nacional no que à Covid-19 diz respeito. Os Açores não vão fugir a essa regra: primeiro haverá um ténue movimento a nível regional, seguindo-se o mercado nacional e, só depois, surgirão visitantes de outros países, em número significativo.

No que respeita à segunda parte da pergunta, essa é a nossa convicção, porque, perante as circunstâncias,



GILBERTO VIEIRA “Retoma (no turismo) vai ser lenta...”

é fácil admitir que, depois destes tempos inesperados e, mesmo, preocupantes que atravessamos, escolher locais e modos para viajar será uma das prioridades na altura de planear férias. Isto é, não é difícil de admitir que, pelo menos nos próximos tempos, os turistas optem por soluções que não impliquem aglomerados de pessoas, que não conhecem, como sejam os casos de excursões e alojamento em grandes unidades hoteleiras. É nesse contexto que as unidades de pequena dimensão, parece óbvio, têm alguma vantagem no processo de retoma, por poderem proporcionar ambientes com potenciais riscos muito menores, a que se somam vivências características de espaços abertos e interessantes, uma das diferenciações da atividade do turismo em espaço rural que vinha sendo a principal âncora do destino Açores e que, neste pressuposto, ganha ainda mais expressão.

DEFENDE QUE SERÃO NECESSÁRIOS MAIS APOIOS PARA EVITAR O ENCERRAMENTO DE MUITAS UNIDADES DE TURISMO RURAL? NESSE ÂMBITO, QUAIS SÃO AS PROPOSTAS DA ASSOCIAÇÃO CASAS AÇORIANAS?

Sem querer “puxar a brasa à minha (nossa) sardinha”, a verdade é que as unidades de Turismo Rural e de Natureza açorianas tiveram e têm um papel fulcral na afirmação das especificidades do destino Açores. Esse trajeto foi feito a muito custo, com empenho e, mesmo, carinho, com investimentos acrescidos dada a natureza das instalações recuperadas e adaptadas e ambiente envolvente, o que permitiu apresentar uma oferta única e especial. A manutenção desses espaços, mesmo em tempo de ausência de clientes, continua a ser cara e, por isso mesmo, entendemos que merecemos uma atenção especial no que a apoios diz respeito.

É com este histórico de sucesso que acreditamos que o segmento de mercado representado pelas Casas Açorianas será novamente fundamental no processo de retoma do Turismo nos Açores.

Entendemos que essa realidade justifica um olhar especial para as necessidades de cada uma das unidades nossas associadas, não só para evitar



TURISMO RURAL Gilberto Vieira diz que “principal âncora do destino Açores” pode crescer depois da pandemia

eventuais falências, mas, sobretudo, para alavancar o retorno à atividade com todas as condições que fazem do turismo rural e de natureza nos Açores um produto “sui generis”.

É talvez interessante recordar aqui quase que a “epopeia” de quem há muitos anos acreditou em projetos desta natureza, num tempo em que, praticamente, não havia turistas e fazer acreditar que seria importante esta atividade pela importação de consumidores.

Foi como abrir um trilho para que todos pudessem passar, e alguns que ainda estão no mercado se lembram que nem havia turistas e muito poucos incentivos para que se criasse um motor de arranque.

Nesse tempo, o receio de investir no turismo passava, essencialmente, por eventuais catástrofes naturais, nomeadamente terremotos, que todos julgávamos serem as únicas possíveis de nos atrapalhar a vida.

Depois surge a crise europeia e mun-

dial, com as intervenções da “troika”, o que descapitalizou empresas das diversas atividades económicas, cujos empresários pensaram encontrar no turismo um novo maná. Apareceu como que uma alavanca.

O aparecimento de muitos “players”, e muito inexperientes, levou a um surgimento de oferta exagerada e, perante as atuais circunstâncias, faltou tempo para pagar os investimentos e consolidar os negócios. Quando se começa a acreditar, com alguma dose de fantasia, que tudo seria irreversível, aparece algo inesperado e de dimensão e universalidade que parte completamente a alavanca, deixando-a mesmo entalada. Entalada porque quem a utilizou não a sabia manusear e agora sentou-se em cima da pedra à espera que alguém a tire.

COMO PERSPETIVA O FUTURO DO TURISMO RURAL APÓS A PANDEMIA DA COVID-19?

A minha esperança e convicção é

que, depois do regresso da normalidade possível – uma vez que nada será como dantes –, todas as características que distinguem os Açores possam, de novo, ser divulgadas e progressivamente apreciadas, assim saibamos nós preservar e valorizar esse património múltiplo e extasiante para não correremos o risco de banalização.

Além disso, não podemos dormir descansados sobre o muito que já os Açores conquistaram em termos de visibilidade ao nível global, devido a essas características endógenas, pois o turismo é uma atividade em permanente mutação e há múltiplos destinos a disputar o seu lugar nos mercados que nos vêm preferindo. Em todos estes contextos, continuo firmemente convicto de que o nosso turismo rural e de natureza é elemento essencial para o contínuo e progressivo desenvolvimento do turismo na Região e, como tal, deve ser respeitado e acarinhado.